

Revista de Literatura,  
História e Memória



Seção:

Pesquisa em Letras no contexto  
Latino-americano e  
Literatura, Ensino e Cultura

ISSN 1983-1498

v. 18 – n. 32 – 2022

UNIOESTE/CASCADEL - p. 255-269

**CASCAS DE BÉTULA, LASCAS DE TEMPO:  
UMA METÁFORA PARA AS MEMÓRIAS DE LILI JAFFE**

**Barks of a birch tree, pieces of time:  
a metaphor for Lili Jaffe's memories**

Aline Machado Gonçalves<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é utilizar as cascas de bétula arrancadas por Georges Didi-Huberman em sua visita à Auschwitz-Birkenau como metáfora para as memórias de Lili Jaffe, uma sobrevivente dos campos de concentração, a partir de seu diário e, principalmente, dos comentários feitos por sua filha, Noemi Jaffe. As cascas de bétula têm dois lados: um mais próximo da árvore, a parte arrancada que permanece cor-de-rosa e representa uma ferida em aberto, e o outro a parte da casca que serve de suporte de escrita e representa a necessidade de alguns sobreviventes de contar o que

aconteceu com eles.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lili Jaffe; Memória; Cascas de bétula; Georges Didi-Huberman.

**ABSTRACT:** Our objective is to use the bark Georges Didi-Huberman teared from the birch trees when he visited Auschwitz-Birkenau as a metaphor for Lili Jaffe's memories, a survivor of the concentration camps, by using her diary and, mainly by her daughter's, Noemi Jaffe, comments. The bark has two sides, one closer to the tree that keeps a rosy color and represents an open wound, and the other one, which can be used to be written on and represents the need of some survivors to tell what happened to them.

**KEYWORDS:** Lili Jaffe; Memory; Barks of birch tree; Georges Didi-Huberman.

## **INTRODUÇÃO: AS TRÊS CASCAS DE BÉTULA**

Noemi Jaffe conta que no processo de publicação do diário que a mãe havia escrito após ser liberta do campo de concentração onde havia passado quase um ano, teria a perguntado “por que ela quis tanto escrever” ao que “ela me respondeu instantaneamente: ‘Para que você lesse!’” (JAFJE, 2012, p. 8). Apesar de que “escrever, para ela, nunca foi um hábito”, Lili Jaffe “insistiu em registrar os acontecimentos recentes, depois da experiência do campo de concentração, com desenvoltura e lirismo impressionantes” (JAFJE, 2012, p. 8). No livro publicado, Lili reforçou a dedicatória: “para as minhas filhas Stela, Jany e Noemi, que eu nunca sonhei que fosse ter” (JAFJE, 2012, p. 11).

Em visita ao campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, onde vários de seus ascendentes foram assassinados pelo regime nazista, Georges Didi-Huberman, em um gesto

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e bolsista FAPEMIG. E-mail: amachado150989@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2013856143491490>.

simbólico, arranca três lascas de bétula, árvore comum na região, e as leva consigo. De posse das cascas, tenta compreender que sentido poderia lhes atribuir: “olhei as três lascas como as três letras de uma escrita prévia a qualquer alfabeto. Ou, talvez, como o início de uma carta a ser escrita, mas para quem?” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 9). Em seguida, se interroga se o filho compreenderá os vestígios que trouxe de sua viagem: “eu morto, o que pensará meu filho quando topar com esses resíduos?” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 9-10).

As cascas de bétula arrancadas por Georges Didi-Huberman das árvores de Auschwitz-Birkenau remetem, segundo o ensaísta, às palavras *écorce*, em francês e *scortea*, em latim, que nomeiam tanto uma peça de roupa que cubra o corpo como um casaco ou um véu, quanto uma superfície protetora como a epiderme ou a derme de uma árvore. Nas suas palavras:

Primeiro, a epiderme ou o córtex. É a parte da árvore imediatamente oferecida ao exterior, e é ela que é cortada, que é “descortinada” primeiro. A origem indo-europeia da palavra – que encontramos nos vocábulos *krtih* e *krtih* – denota ao mesmo tempo a pele e a faca que a fere ou extirpa. Nesse sentido, a casca designa essa parte liminar do corpo suscetível de ser atingida, sacrificada, dissociada em primeiro lugar.

Ora, precisamente para o ponto em que ela adere ao tronco – a derme, de certa maneira –, os latinos inventaram uma segunda palavra, que estampa fielmente a outra face da primeira: é a palavra *liber*, que designa a parte da casca ainda mais propícia que o próprio córtex a servir de suporte para a escrita. Nada mais natural, portanto, que ela tenha dado seu nome a coisas tão necessárias para inscrever os farrapos de nossas memórias: coisas feitas de superfícies, de lascas de celulose decupadas, extraídas das árvores, onde vêm reunir-se as palavras e as imagens. Coisas que caem de nosso pensamento e que denominamos livros. Coisas que caem de nossos dilaceramentos, cascas de imagens e textos montados, fraseados em conjunto. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 72-73).

Desse modo, Didi-Huberman metaforiza a experiência de Lili Jaffe a partir da percepção de Noemi Jaffe, sua filha, pois as cascas (imagem 1) representam ao mesmo tempo o corpo dissociado, sacrificado, a ferida em aberto, os dilaceramentos, e a possibilidade de relatar, escrever, contar, lembrar, “inscrever os farrapos de nossas memórias” (2017, p. 73). São os dois lados das cascas de bétula: a ferida aberta, que não cessa de doer, derrama-se em dilaceramentos no papel do diário e, anos depois, torna-se livro e, portanto, símbolo de cultura. Mas também de barbárie. Para Walter Benjamin “assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura” (BENJAMIN, 1994b, p. 225), presente tanto na visita de Didi-Huberman à Auschwitz quanto na publicação do diário de Lili. De um lado, a museificação de um local que foi usado literalmente para a barbárie e, de outro, o processo de entrada para a memória cultural de um relato de quem vivenciou

aquela barbárie.

Nem Didi-Huberman nem Noemi Jaffe viveram durante o período da Segunda Guerra Mundial, portanto as perspectivas que eles apresentam são do lugar de descendentes de sobreviventes da barbárie e receptores dessa memória cultural. Enquanto Noemi Jaffe se esforça para compreender as memórias da mãe, Didi-Huberman busca os vestígios da barbárie e problematiza o processo de museificação de Auschwitz-Birkenau, a partir justamente das cascas por ele arrancadas. Ao colocá-los em diálogo, o nosso objetivo é mostrar como a metáfora criada pelo ensaísta francês representa a relação de Lili Jaffe com suas memórias, na forma como foi percebida e relatada por Noemi Jaffe, sua filha, nas duas obras *O que os cegos estão sonhando?*, de 2012, e *Lili: novela de um luto*, de 2021.

**Imagem 1** – As três cascas



Fonte: Didi-Huberman (2017, p. 9).

## **O DIÁRIO: LASCAS DE MEMÓRIAS**

Lili Stern, jovem sérvia, ficou presa nos campos de concentração de Auschwitz e Bergen-Belsen entre os anos 1944 e 1945. Separada dos pais e do irmão, trabalhou com suas primas na cozinha do campo. Em 1945, com a libertação dos prisioneiros e o fim da guerra, foi resgatada pela Cruz Vermelha e levada com as demais sobreviventes para a Suécia, onde todas ficaram de quarentena, recebendo cuidados médicos e alimentação adequada, para que restabelecessem a saúde. Durante esse período de recuperação, Lili se pôs a escrever um diário; que compôs mesclando tempo presente e tempo passado, como se narrasse à medida que (re)vivia aqueles tempos tão difíceis. Assim que acabou o período na Suécia, seguiu para seu país, a Sérvia, em busca de informações sobre a família. Infelizmente, nunca mais viu o pai e a mãe (assassinados pelos nazistas), mas conseguiu reencontrar o irmão. Na mesma época, conheceu um rapaz, que viria a ser seu marido, a quem presenteou com aquele diário

que havia escrito durante a quarentena.

Cerca de um ano depois, como o seu irmão havia usado a sua documentação para levar a namorada dele para os Estados Unidos, Lili precisou ir à Hungria para recuperar a sua identidade e, com isso, acabou se reencontrando com o rapaz com quem havia deixado o diário. Para ajudá-la a recuperar os documentos e em seguida embarcar para os Estados Unidos atrás do irmão, o rapaz com ela se casou. Mas acabaram se apaixonando e vieram para o Brasil, onde se casaram no âmbito religioso e tiveram três filhas (JAFFE, 2013). Desde então, Lili deixou de usar seu sobrenome familiar, Stern, e passou a usar o sobrenome do marido, Jaffe.

Ela manteve consigo o diário até que nos anos 1990 deixou que as filhas, a partir do seu auxílio, o traduzissem do sérvio para a língua portuguesa. Em seguida, doou o diário para o Museu do Holocausto, em Jerusalém. Apenas em 2012 ele foi finalmente publicado, a partir da tradução de Aleksander Jovanovic, numa edição feita pela editora 34. No entanto, o livro publicado não apresenta apenas o diário de Lili, *O que os cegos estão sonhando?* é definida como uma obra escrita a seis mãos por conter a tradução do diário, uma segunda parte com comentários da filha Noemi Jaffe, e ainda uma terceira parte, mais curta, com comentários da neta Leda Cartum, filha de Noemi Jaffe, em decorrência da visita que elas fizeram ao campo de concentração de Auschwitz. Noemi voltou a comentar as memórias da mãe em *Lili: novela de um luto*; dessa vez em consideração ao seu processo de luto pela morte da mãe, em relato dos últimos dias de vida dessa.

Noemi Jaffe se refere à postura alegre e despreendida da mãe que apesar de nunca ter escondido a experiência traumática passada na juventude, parecia não se lembrar de outras memórias que não fossem as eternizadas em seu diário. Lili dizia ter superado tudo, perdoado tudo, esquecido tudo. No entanto, suas memórias eram como as cascas de bétula arrancadas violentamente da árvore: se por um lado os seus dilaceramentos haviam sido inscritos no tempo através da escrita de seu diário dedicado às filhas, por outro, preservou as feridas em aberto. Rompeu o silêncio apenas ao final da vida, revelando ressentimentos e questionamentos não externados até então. Afinal, as cascas arrancadas das árvores de bétulas são as feridas sendo abertas, pois “grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória” (NIETZSCHE, 2009, p. 46).

## O TEMPO EM LASCAS

Paul Ricoeur ao questionar quem é e qual é o papel da testemunha dentro de um

processo jurídico afirma que ela se autodesigna pois “atesta a realidade de uma cena à qual diz ter assistido”, estando, portanto, na posição de um terceiro (nem a vítima e nem o ator). Além disso, a testemunha “não se limita a dizer: ‘Eu estava lá’, ela acrescenta: ‘Acreditem em mim’”, pois o crédito lhe será dado pelo outro, afinal “a autenticação do testemunho só será então completa após a resposta em eco daquele que recebe o testemunho e o aceita; o testemunho, a partir desse instante, está não apenas autenticado, ele está acreditado” (RICOEUR, 2007, p. 173).<sup>2</sup>

No entanto, a testemunha dos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial não é uma testemunha comum que, frente ao tribunal, diz o que viu acontecer: ela é também a vítima. Por isso, suspeitando que poderá ser confrontada no espaço público “a testemunha de alguma forma antecipa essas circunstâncias acrescentando uma terceira cláusula a sua declaração”: Ao “Eu estava lá”, e ao “Acreditem em mim”, ela adiciona o “Se não acreditam em mim, perguntem a outra pessoa” (RICOEUR, 2007, p. 173).

O limite do testemunho, no entanto, não está apenas em quem o ouve e nele acredita, está também no que Giorgio Agamben denomina de “o intestemnhável”, ou seja, o “muçulmano”, nomenclatura atribuída dentro dos campos de concentração àqueles que rapidamente sucumbiram. Numa representação estereotipada e preconceituosa do muçulmano religioso que “se submete incondicionalmente à vontade de Deus” (AGAMBEN, 2008, p. 52), o termo designa aquele que dá título à obra de Primo Lévi *É isto um homem?* pois trata-se da testemunha integral, sendo ela a que sofre os horrores dos campos ao limite; cuja morte será contada pelos outros. Testemunha é, então, não só quem testemunha a própria dor, mas aquele que sobreviveu para também contar a dor do intestemnhável, do “muçulmano”, daquele que “havia eliminado para sempre qualquer possibilidade de distinguir entre o homem e não-homem” (AGAMBEN, 2008, p. 52).

Mas essa testemunha vai, muitas vezes, sofrer com a culpa por ter sobrevivido, por não se sentir digna, frente a tantos abusos e arbitrariedades, de ter escapado, sabendo que muitos não sobreviveram. E uma das razões para isso é o que Primo Lévi chama de “zonas cinzentas” para falar dos limites não tão claros, às vezes, entre vítimas e algozes nos campos, sendo o grupo dos *sonderkommando* a representação extrema disso. Apesar de serem também

---

<sup>2</sup> Convém mencionar alguns trabalhos de inquestionável relevância para os estudos de memória e testemunho que não serão utilizados diretamente ao longo do artigo por uma questão de espaço e enfoque, mas que sem sombra de dúvidas compõem o nosso repertório teórico. São eles: SELIGMANN-SILVA (2010) sobre a falta de memória na sociedade brasileira a respeito da ditadura de 1964; POLLAK (1989) sobre esquecimento e silenciamento; HALLBACHS (2006) sobre memória coletiva; ASSMANN (2008) sobre memória cultural e memória comunicativa; entre tantos outros.

oprimidos, também prisioneiros, os *sonderkommando* foram grupos de homens que realizavam os trabalhos relativos às câmaras de gás, entre eles, retirar delas os corpos dos mortos. Eram vistos, então, também como algozes que, diferentemente dos nazistas, eram algozes dos seus. Dentro da realidade dos campos de concentração, de trabalho forçado e de extermínio, não era preciso, no entanto, fazer parte desses grupos para alguém ser visto como indiferente em relação aos demais prisioneiros. Primo Levi relata o fim do campo, com a iminência da chegada das tropas russas, e a volta a um estágio de humanidade que havia se perdido com a presença dos nazistas:

Towarowski (um franco-polonês de 23 anos, doente de tifo) sugeriu que cada um oferecesse uma fatia de pão a nós três que trabalhávamos; a sugestão foi aceita.

Ainda um dia antes, esse acontecimento seria inconcebível. A lei do campo mandava: “come teu pão e, se puderes, o do vizinho”, e não havia lugar para a gratidão. Isso significava que o Campo estava mesmo acabado (...) voltamos lentamente a ser homens (LEVI, p. 234).

A relação entre os presos nos campos de concentração e extermínio, em sua maioria, era de distanciamento; aquele que deveria ser o igual era, na verdade, aquele com quem se competia pela comida, pelo agasalho. A lei que imperava no campo era a da desumanização. Lili conta como foi se separar das primas, únicas pessoas conhecidas com quem ainda tinha contato: “lamentei muito me separar das minhas primas. Chorei. E pensei: o que poderia fazer? Decidimos não comer nada naquele dia. Trocamos a comida e, com isso, arrumamos um vestido para mim” (JAFFE, 2012, p. 19-20). Apesar de todos chegarem ao campo devidamente vestidos e carregando suas malas, eram literalmente despojados de seus bens logo na entrada. Lili não tinha um vestido e por isso não poderia trabalhar e estar ao lado das primas, porque suas roupas haviam sido expropriadas dela. Ao mesmo tempo em que haviam lhe retirado suas roupas, lhe cobravam ter um vestido apropriado para que trabalhasse. Para consegui-lo, ela e as primas passaram fome. Escolheram não comer para tentar ficar juntas.

E foi assim que Lili conseguiu ser escolhida para trabalhar na cozinha, mesmo tendo sido rejeitada no dia anterior. A alemã responsável pela seleção poderia tê-la punido por fingir que havia sido pré-selecionada, mas escolheu não o fazer. Em seu lugar, outras mulheres foram dispensadas, o que no campo poderia significar direta ou indiretamente a morte de uma delas. Além disso, trabalhar na cozinha ao mesmo tempo que trazia a vantagem de dar a ela e às primas acesso à comida, “isso não nos bastava”, pois lhe incutia a culpa de saber que “tínhamos muitos conhecidos que passavam fome”, o que ela entendeu como um chamado à

ação, “não podíamos ficar, inertes, vendo isso. (...) Uma vez que os nossos conhecidos não estavam em nosso campo, eu tinha de entregar tudo pela cerca eletrificada”, o que naquele contexto significava um risco enorme, “isso era muito perigoso e apenas eu tinha coragem de fazê-lo. O primeiro alemão que visse atiraria imediatamente” (JAFFE, 2012, p. 22).

Lili conta ainda a história da garota que, não conseguindo comer o pão absurdamente seco do campo, roubou um pouco de margarina, o que foi imediatamente descoberto pela alemã que ameaçou levar para o crematório todas as meninas da cozinha caso a culpada não se apresentasse. Lili se apresentou, mesmo sendo inocente, a pedido das primas. Afinal, “por que quatro devem pagar, se eles ficariam satisfeitos com uma só? E eu não tinha medo da morte” (JAFFE, 2012, p. 22). Por isso, foi esbofeteada e colocada de castigo. Apenas não foi enviada para o crematório porque um alemão intercedeu e argumentou que ela era muito nova.

No entanto, ao ser punida no lugar das outras, ficou para sempre marcada, tanto fisicamente quando psicologicamente: “ela sustentou uma pedra durante um dia inteiro, que machucou para sempre o joelho” (JAFFE, 2012, p. 113), conta a filha. Em seu diário, com a data aproximada de 1º de setembro de 1944, Lili escreveu: “tive muitas dores na perna. O mais terrível era o fato de que já era o segundo dia assim, sem conseguir trabalhar. (...) Aqueles para os quais levava coisas até então estavam famintos” (JAFFE, 2012, p. 26). Impossível saber o que moveu a decisão dos guardas de apenas puni-la. Inclusive, esse tipo de comportamento imprevisível fazia parte da arbitrariedade do campo de concentração.

Quanto às marcas psicológicas, apesar de Noemi Jaffe contar que a mãe costumava lidar com as memórias do campo pensando mais naquelas registradas no diário, enquanto parecia ter se esquecido de outras, nos seus últimos anos de vida parece ter expressado, pela primeira vez, seus sentimentos relacionados à experiência que teve.

Pode ser que a proximidade da morte a tenha feito suspender um pouco a necessidade do esquecimento (...). Não sei e não importa.

Ela se perguntava: “Por que minhas primas pediram para eu dizer que tinha roubado a manteiga, se não tinha sido eu?”; “e por que aceitei?” (JAFFE, 2021, p. 33)

Ou seja, parece ter havido uma intenção de esquecer, que se revelou impossível ao longo da vida. Quando Didi-Huberman arranca as três cascas, reflete: “vemos aqui três lascas arrancadas de uma árvore, há algumas semanas, na Polônia. Três lascas de tempo” (2017, p. 10). Afinal, esse é “meu próprio tempo em lascas: um pedaço de memória, essa coisa não escrita que tento ler; um pedaço de presente” (2017, p. 10). Ele, como descendente daqueles

que passaram pelos horrores do campo, tenta compreender o que lhe cabe naquela memória, “imagino que, com o passar do tempo, as três lascas ficarão cinzentas, quase brancas, de ambos os lados. Conservarei, guardarei, esquecerei?” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 10).

A memória é o passado feito presente, é testemunha do que foi, mas também do que restou. Lili testemunhou até o último suspiro. O trauma não a deixou. Uma vez arrancadas as três cascas, elas nunca mais caberão onde estavam, nunca mais poderão se unir à árvore de onde foram tiradas. Mas quem se depara com aquelas lascas tem, de fato, condições de compreender de onde elas vieram, o que as levaram até ali? Será que, no futuro, essa memória do passado que se faz presente resistirá? Afinal, esse tempo “esfiapa-se em volutas, como os restos de um livro queimado. Na outra face, continua – no momento em que escrevo – cor-de-rosa feito carne. Aderia perfeitamente ao tronco. Resistiu à agressão de minhas unhas” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 10). Resistiu, mas continua cor-de-rosa, a casca sangra, o trauma não se esvai. Resistiu como Lili; apesar de tudo. Resistiu como muitos tentaram, mas não tiveram a mesma sorte.

Um dos integrantes do *sonderkommando*, por exemplo, teve acesso a uma câmera fotográfica e, por causa disso, deixou quatro fotografias; os únicos registros dos campos de concentração em pleno funcionamento. Ou seja, apesar do imperativo no campo ser cada um cuida apenas de si, como mostrado por Primo Levi, havia os que se arriscavam, como o fotógrafo e como Lili. O que se percebe abaixo, no entanto, é que estão expostas apenas três das quatro fotografias (imagem 2).

**Imagem 2** – Três das quatro fotografias dos *sonderkommando* em exposição



**Fonte:** Didi-Huberman (2017, p. 45).

A justificativa é que uma delas seria defeituosa, pois “na impossibilidade de ajustar o foco, isto é, de sacar o aparelho (...) o integrante do *sonderkommando* orientou como pôde sua lente para as árvores, às cegas” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 49). Ele “não sabia evidentemente que efeito aquilo teria sobre a imagem. O que hoje somos capazes de identificar são as árvores da floresta de bétulas” (2017, p. 49).

**Imagem 3** – A quarta fotografia dos *sonderkommando*



**Fonte:** Sonderkommando photographs taken in KL Auschwitz II-Birkenau, Summer 1944  
[Negative no. 283: Burning of corpses in the open air; Women driven to gas chambers; Tree branches].

Ou seja, na impossibilidade de focar e escolher um melhor ângulo, essa quarta fotografia, a não exposta, (imagem 3) possibilitou reconhecer as bétulas, a parte interna do crematório e, portanto, a sua localização. Didi-Huberman observa que “para o idealizador do ‘lugar de memória’, essa fotografia é inútil, uma vez que privada do referente que ela visa: não se vê ninguém nessa imagem” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 49). No entanto, ela conta a história de como todas as outras foram tiradas, a história do fotógrafo clandestino que arrisca a própria vida e a de seus companheiros; “ele precisa se esconder para ver”, para documentar o horror e deixá-lo para a posteridade. Ignorar essa imagem é ignorar que sendo impossível representar o que foram os campos de concentração e extermínio em sua inteireza, é justamente a representação “defeituosa” e “desorientada” a única possível. Além disso, o ensaísta comenta como essa dificuldade não lhe é exclusiva, compreendendo todo o processo de “decisão cultural ligada à transmissão e à museificação de um acontecimento histórico” (DIDI-HUBERMAN, 2017, 47) e ainda questiona se “será necessária uma realidade claramente visível – ou legível – para que o testemunho se consume?” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 49).

Segundo Jacques Le Goff, após o século XX, em detrimento das duas guerras mundiais, o caráter de verdade do documento histórico precisou ser rediscutido, pois “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (LE GOFF, 1990, p. 545). Foi a partir das vítimas dos campos de concentração, com a eliminação massiva de provas promovida pelos oficiais nazistas, que a própria ideia de testemunha precisou ser revista. Conforme mencionado anteriormente, a testemunha diz que estava lá, que presenciou algo, mas ela também pede que nela confiem e, se houver desconfiança, ainda se refere às outras pessoas, que testemunharam os mesmos horrores. No entanto, por ser a sociedade que escolhe ouvir, dar credibilidade a alguma testemunha

é contra esse fundo de confiança presumida que se destaca de maneira trágica a solidão das ‘testemunhas históricas’ cuja experiência extraordinária mostra as limitações da capacidade de compreensão mediana, comum. Há testemunhas que jamais encontram a audiência capaz de escutá-las e entendê-las (RICOEUR, 2007, p. 175).

Essa audiência que não está apta para ouvir um relato pode ser tanto a sociedade de forma ampla, no espaço público, como Paul Ricoeur sugere, mas também a própria família. Lili acreditava que não seria válido publicar o seu diário por lhe faltar atributos estéticos: “ela diz que não tem domínio da escrita, da linguagem, mas escrever sobre o passado usando o tempo presente, como faria uma escritora”, no entanto, “não é o diário todo que é narrado no presente; somente algumas partes” (JAFFE, 2012, p. 191-192). Mesmo não sendo escritora, mesmo não acreditando na potência da própria escrita, ela escreveu, “tudo tinha acontecido apenas um ano antes desta narração. Era recente e, ao mesmo tempo, talvez também estivesse tão afastado no tempo como nada mais pode estar”, reflete a filha (2012, p. 191-192). O tempo presente utilizado, Noemi Jaffe vê como uma possibilidade de proximidade assim como de distância no tempo. No mais: “o tempo presente também reforça o poder da iminência. Como se a chegada do capturador pudesse acontecer a qualquer momento, até mesmo durante a leitura” (2012, p. 191-192).

Essa percepção da filha talvez capture a essência desse uso no presente. Sendo a memória o passado no presente, quando Lili escreve “todos à minha volta, assim como eu, estamos tristes. Sabemos o que está acontecendo e também o que acontecerá” (JAFFE, 2012, p. 13) é isso que se revela como o mais presente. É a ausência dos pais que se faz presente, em diferentes momentos ao longo do diário, especialmente após a libertação. Ela sabia intuitivamente que o destino da mãe certamente tinha sido o crematório. Relembrar o

momento em que tudo começou mostra o luto que ela deveria estar vivenciando. Em outro momento, ela imagina “como minha querida mãe ficaria contente, se estivesse comigo” (JAFFE, 2012, p. 43) após o resgate, mas “é possível que nunca mais a veja” (2012, p. 43). Ao mesmo tempo em que sente “a liberdade maravilhosa” sente saudades dos pais e chora, “consolam-me minhas primas, enquanto elas também choram” (2012, p. 43).

Para alguns sobreviventes de eventos traumáticos, restou apenas o silêncio, pois não conseguiram contar. Segundo Walter Benjamin, após o fim da Primeira Guerra Mundial, “os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável” (BENJAMIN, 1994a, p. 198). Obviamente, ele não imaginava os horrores que ocorreriam na próxima guerra. Mas sua reflexão é importante para pensarmos no trauma, na experiência gerada pela convivência diária com a fragilidade humana, com a facilidade com que um corpo é destruído numa guerra de trincheiras, caso da Primeira Guerra, no silêncio dos sobreviventes dos campos de concentração, depois de presenciarem a completa desumanização, caso da Segunda Guerra.

Lili escreve depois do seu resgate, mas acaba utilizando seu diário como uma espécie de fotografia de um momento que não existe mais “ela sempre se lembra das mesmas coisas” (JAFFE, 2012, p. 196), uma fotografia que contém suas memórias de uma experiência que afirma querer esquecer “lendo o diário, a filha percebe que as histórias que ela conta são exatamente aquelas que estão escritas ali” (2012, p. 196). Teria Lili usado a escrita para tentar esquecer? Noemi Jaffe parece crer que sim: “*Mãe, se você precisar lembrar de alguma palavra que diziam no campo, qual seria? Achtung e Zeltappel*” (2012, p. 180), “*atenção e chamada* foram as duas únicas palavras que sobraram na memória dela, de onze meses de terror” (2012, p. 182), “onde foram parar estas palavras, agora? (...) Quais palavras ela esqueceu?” (2012, p. 183, destaques no original).

Infelizmente, para a filha, “não há como tornar a memória dela mais flexível, mole, fluida e fazer surgirem fatos novos. A memória dela é uma caixa preta que caiu no mar” (p. 197). Mas “it is true that memories are small islands in a sea of forgetting” (ERLL, 2011, p. 9), ou seja, se para Noemi, a memória de Lili é uma caixa preta, para Astrid Erll são pequenas ilhas de memória que ficam a partir de nossas experiências no mundo, o que faz com que o mar do esquecimento seja a regra. Das lembranças de Lili para caracterizar Auschwitz ficaram as palavras em alemão “atenção” e “chamada” que naquele contexto significavam respectivamente o proibido e a chamada feita pelos nazistas para contagem dos prisioneiros. Mas “a filha não entende nada. Como ela reagiria diante de um *Achtung*, que na verdade não quer dizer nada? A filha não aguenta palavras que não querem dizer nada” (JAFFE, 2012, p.

181). Percebemos aqui o nível de complexidade com que o silêncio e o testemunho se entrelaçam. Qual cascas arrancadas que vão se perdendo de sua origem, perdendo o sentido à medida em que são transmitidas geração a geração. Impossível a mãe fazê-la compreender qual o real sentido de “atenção” e “chamada”. Qualquer explicação é mera convenção. A filha nunca vai entender, mesmo que esteja disposta a ouvir, mesmo que legitime as memórias da mãe, essas lascas de memória não lhe bastam, ela não sabe de que bétulas foram arrancadas.

Além disso, o silêncio de Lili não foi apenas após o campo, mas principalmente dentro do campo. Foi preciso silenciar dores físicas e emocionais durante muito tempo. Do machucado na perna causado pela punição que recebeu no lugar de suas primas à dor pela perda da mãe, passando pela dor de não saber onde estaria o irmão, se ao menos estaria vivo, “penso muito em papai, meu irmão. Certamente eles já estão esperando em casa. Infelizmente sei onde mamãe deve estar; que ao menos encontrei papai e meu irmão” (JAFFE, 2012, p. 62), ao luto pela mãe e, posteriormente, pelo pai, à dor de não saber se ela mesma sobreviveria àquilo “havia oito crematórios sempre acesos; podiam-se ver as chamas” (2012, p. 18), e o que restaria dela depois “todos os que não morreram estão dentro do vagão, e não estão bem conscientes. Eu também pareço embriagada; não enxergo; parece que tenho espuma na boca” (2012, p. 39). O silêncio - ou não seria melhor “os silêncios”? – de Lili lhe trouxe sofrimento até o final da vida.

Ao falar sobre os últimos instantes de vida da mãe, Noemi revela que “ela foi uma pessoa que aceitou. Uma aceitadora” (JAFFE, 2021, p 34) a vida toda. No entanto, “nos últimos anos foram surgindo não recusas, mas dúvidas sobre essa conduta. ‘Por que aceitei tanto?’” (2021, p 34). O relato de Lili e a representação de Noemi da postura aparentemente calma de sua mãe perante a vida mostram alguém que conviveu profundamente com o silenciamento. Afinal, “como tantas pessoas que passam por uma guerra costumam dizer, a guerra nunca sai de dentro de você” (2021, p. 34), não é algo facilmente representado ou transmitido.

Essa realidade do silêncio foi muito bem descrita por primo Levi. O processo de desumanização ao qual todos eram submetidos dentro do campo passava pela arbitrariedade da sobrevivência (afinal, não havia um padrão claro para algumas punições e execuções), pelo silenciamento total e irrestrito das vítimas e pela convivência com as situações mais extremas: morte, doença, fome, frio, falta de esperança.

– Vocês sabem? Amanhã o Campo vai ser evacuado.  
Eles me assediaram com perguntas – Para onde? A pé? Os doentes também?

E os que não estão em condições de andar? – Eu era um velho prisioneiro e compreendia o alemão; imaginavam que soubesse muito mais do que queria admitir.

Eu, porém, não sabia mais nada. Disse, e continuaram com as perguntas. Uma droga. Claro: estavam no Campo havia poucas semanas; ainda não tinham aprendido que no Campo a gente não faz perguntas (LEVI, 1988, p. 224).

Não à toa, Lili dizia que “os animais são muito melhores do que os humanos” e que “o importante é ter saúde. Quem tem saúde tem tudo: amor, dinheiro, alegria” (JAFFE, 2021, p. 35). Parece que, para Lili, foi essa a experiência: apesar de ter sido animalizada, despida, ameaçada, castigada, traumatizada, teve saúde o suficiente para sobreviver. Mas as marcas ficaram. E, de acordo com a filha, “algumas coisas dela por muito tempo soterradas foram aparecendo nesse final” (2021, p. 32), quando Lili já estava doente, pouco antes de morrer, “algumas vezes ela chegou a me dizer que sofria com a guerra mais agora do que quando a guerra realmente aconteceu” (2021, p. 32), então, “com isso, a ideia de que ela tinha conseguido sobreviver daquela forma tão alegre e generosa por ter optado pelo esquecimento caiu um pouco por terra” (2021, p. 32).

## CONCLUSÃO

A proposta com esse artigo foi traçar um paralelo entre as memórias de Lili Jaffe, da forma como comentadas por sua filha escritora, Noemi Jaffe, e as três lascas de bétula arrancadas por Georges Didi-Huberman em sua visita ao antigo campo de concentração de Auschwitz-Birkenau. As cascas representam o sofrimento e a escrita que parte dele. A escrita aqui podendo ser vista tanto a do diário de Lili quanto os comentários de Noemi, pois são eles que lançam luz sobre a dor que não cessa de doer, décadas depois de todos os acontecimentos contados por sua mãe, mesmo ela sendo uma “aceitadora”, “alegre e generosa”. Ao longo do artigo, Paul Ricoeur, Jacques Le Goff e Giorgio Agamben foram utilizados com o intuito de caracterizar Lili como uma testemunha dos horrores da Segunda Guerra Mundial e, ainda, mostrar como sua história somada às memórias de inúmeros outros sobreviventes alterou a percepção do campo histórico a respeito do que é uma testemunha. Isto é, não apenas a testemunha jurídica que presenciou um evento ocorrido com outra pessoa, mas alguém que testemunha a tragédia que aconteceu consigo mesma e representa aqueles que não puderam falar. Lili Jaffe, apesar de ter escrito seu diário durante o período de quarentena, logo após ter sido salva pela Cruz Vermelha, silenciou suas dores durante décadas antes de torná-las públicas. E mais do que isso: a filha comenta que ela permaneceu em silêncio até (quase) o

final de sua vida, quando já não conseguia mais esconder as mágoas e as dores que a incomodaram desde a ida para o campo. Assim como as árvores de bétula presentes nas fotografias tiradas pelos *sonderkommando* e posteriormente editadas para contar uma versão museificada da história, a postura alegre e aceitadora de Lili era uma forma de lidar com a dor que não cessava de doer. Mas as bétulas estavam lá.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

ASSMANN, Jan. Communicative and cultural memory. *In*: ERL, Astrid; NÜNNING, Ansgar (ed.). **Cultural Memory Studies**. An International and Interdisciplinary Handbook. Berlin, New York: 2008, p. 109-118. Disponível em: <http://www.degruyter.com/view/books/9783110207262/9783110207262.2.109/9783110207262.2.2.109.xml> . Acesso em: 21 maio 2021.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a. p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b. p. 222-232.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. Tradução de André Telles. Com entrevista do autor a Ilana Feldman. São Paulo: Editora 34, 2017.

ERL, Astrid. 1.4 Memory, Remembering or forgetting? *In*: ERL, Astrid **Memory in culture**. Translated by Sara B. Young. London: Palgrave Macmillan, 2011.

JAFFE, Noemi. **O que os cegos estão sonhando?** – Com diário de Lili Jaffe (1944-1945) e texto final de Leda Cartum. São Paulo: Editora 34, 2012.

JAFFE, Noemi. Escritora fala sobre livro baseado no diário escrito pela mãe quando ficou presa em Auschwitz. **Uai**. Ago. 2013. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/pensar/2013/08/31/noticias-pensar,145857/em-nome-da-memoria.shtml> . Acesso em: 27 fev. 2022.

JAFFE, Noemi. **Lili**: novela de um luto. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. *In*: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 1. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 462-476.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 3-15, 1989. Tradução de Dora Rocha Flaksman. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278> . Acesso em: 25 jul. 2022.

RICOEUR, Paul. A história: remédio ou veneno?. *In*: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. p. 151-154.

RICOEUR, Paul. Fase documental: a memória arquivada. *In*: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. p. 155-192.

SELIGMANN-SILVA, M. O local do testemunho. **Tempo e argumento**, Florianópolis, 2, n. 1, 3-20 jan.- jun. 2010.

Sonderkommando photographs taken in KL Auschwitz II-Birkenau, Summer 1944 [Negative no. 283: Burning of corpses in the open air; Women driven to gas chambers; Tree branches]. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/789771> . Acesso em: 28 fev. 2022.

*Recebido: 02/03/2022*  
*Aprovado: 08/09/2022*